

## **A Cabeça da Medusa: a crítica de Lorenzo Valla à doutrina estoica**

ANA LETÍCIA ADAMI\*

No inverno de 1417, em um mosteiro do norte da Alemanha, o humanista Poggio Bracciolini encontrou um manuscrito em más condições. Graças ao seu agudo conhecimento do latim e literatura clássica e romana, ele reconheceu o valor de seu extraordinário achado e ordenou, imediatamente, que uma cópia do manuscrito fosse enviada ao seu amigo colecionador de textos clássicos Niccolò Niccoli em Florença, na Itália. Tratava-se de um manuscrito do poema *De Rerum Naturae* de Lucrécio, poeta epicurista romano (50 a.c).

Apesar da grande apreciação de Poggio pelo poema de excepcional beleza e habilidade poética, ele não aborda os valores epicuristas da obra. Ao contrário, os repudia, alertando àqueles desejosos de fruírem em sua leitura a não se deixarem levar por sua beleza métrica e esquecerem os dogmas da santa religião (apud GREENBLATT, 2011:187).

O aviso de Poggio pode ser entendido como fonte de um arrazoado de dupla preocupação: proteger a fé cristã e a si mesmo de uma possível investida da Inquisição. Sabia-se que o filósofo grego, criador da escola “hedonista”, era considerado, com desmedida fúria, inimigo da Santa Igreja. Tal condena, porém, não era novidade. Desde tempos de Lucrécio, autor da longa dedicatória em versos recém-descoberta por Poggio, que a filosofia de Epicuro debelava-se contra ásperos adversários; tendo seus discípulos sido ridicularizados e rebaixados à alcunha de glutões e beberrões, perdidos em vícios hedonistas dado à sua desvirtuada filosofia.

Tratava-se de um período em que as disputas por prestígio entre as diferentes escolas filosóficas davam-se abertamente. Esse momento, conhecido como helenístico, é reconhecido como o primeiro ressurgimento na história das filosofias gregas. É marco nesse momento o despontar não apenas da escola de Epicuro, mas também dos discípulos de Sêneca, ávidos opositores dos epicuristas. Apesar de em algumas de suas passagens o líder estoico prestar certo louvor à figura de Epicuro, suas visões filosóficas, diametralmente opostas, colocaram as duas escolas em cerco de batalha durante séculos. Não será diferente no Renascimento, quando Poggio encontra o manuscrito arruinado. Nesse período, nos lembra Paul Kristeller, o

---

\* Mestre em História Social e Doutoranda em Filosofia, ambos pela Universidade de São Paulo [FFLCH-USP]. Bolsista CAPES.

estoicismo atinge ampla circulação nos debates entre os estudiosos dos *studia umanitatis*, empenhados no resgate dos textos da cultura clássica e romana. Cícero e Sêneca estavam entre os autores de maior influência e suas obras colocadas no centro de interesse dos pensadores humanistas.

Em que medida os escritos de Epicuro tomaram parte deste renascer da antiguidade? Difícil mensurar. Se hoje o que dispomos de seus escritos é esparso, o eram mais ainda nos tempos da extraordinária descoberta. Esta escassez, como já dito, deveu-se ao esforço de alguns em apagar da história da filosofia seu lugar e importância. No entanto, não se pode dizer que sua filosofia tenha sido, por isso, mal compreendida e que não tenha fixado seu lugar na história. Acredito que o epicurismo, por meio de seus adeptos diretos e indiretos, tenha resistido e se infiltrado em grande medida em nosso mundo moderno.

Um de seus defensores, e talvez o mais audacioso de todos, foi Lorenzo Valla, humanista e professor de retórica, quem publicara, em 1431, um volume que lhe rendera fama, e má fama; uma obra que ele compôs inspirado pela descoberta de Poggio: o diálogo *De Voluptate (Sobre o Prazer)*. Portanto, 27 anos separaram esse volume da descoberta do texto de Lucrécio que contribuiria para sua concepção.

O diálogo ilustra uma conversa entre doutos de diferentes áreas de estudos humanísticos, como: direito, medicina, retórica e filosofia moral. O encontro, na Cúria Pontifícia<sup>1</sup> em Roma, é mediado por duas entre as eminentes figuras, as quais propõem-se a debater um assunto da máxima dignidade e importância: sobre a natureza do bem.

O primeiro a pronunciar-se é um estoico: o famoso chanceler florentino, Leonardo Bruni, estudioso de filosofia moral, que teve nos escritos de Sêneca a fonte de sua doutrina. Seu rebatedor é o poeta palermitano Antonio Beccadelli, autor do longo poema de fama hedonista, *O Hermafrodita* (1425). No final do diálogo, Valla dá por vitoriosa a causa epicurista, mas sem que isso destrua a fé e a santa religião, como temia a Igreja e os escolásticos em geral.

Procurei descrever até aqui o contexto no qual se situa a obra e o rolo de tensões que antecederam seu nascimento, o qual é muito bem descrito pelo volume *A Virada*, de Stephen Greenblatt. Passarei agora à explicitação de algumas de suas teses contra o estoicismo,

---

<sup>1</sup> Há duas versões da obra sem diferenças quanto ao conteúdo da discussão, mas sim de ordem estilística, com variação na escolha do cenário e das personagens. Utilizo-me aqui da primeira versão.

suscitadas a partir da passagem em que o poeta Beccadelli nos diz: “Justamente podemos dizer que as regras estoicas são como a cabeça da medusa, a qual transforma em mármore todos que a miram” (ADAMI, 2010:133).

A fim de compreendermos o significado da metáfora aqui empregada (a “cabeça da medusa”), nos ajuda verificar o momento do diálogo em que ela aparece. Ela surge no segundo livro da obra, parte em que o poeta epicurista propõe-se a refutar por completo a tese estoica de que a “honestidade coincide com o verdadeiro bem”. Para o epicurista, o sumo bem não pode coincidir com a honestidade, visto que a “honestidade em si”, ele afirma, “é nada” (ADAMI, 2010:200). Essa sentença, que soa impiedosa de início, deve ser bem examinada. Ela requer, antes, que uma pergunta seja respondida: mas, afinal, o que é o sumo bem?

A definição proposta pelo epicurista é retirada de uma citação de seu principal oponente estoico, Sêneca, onde ele diz: “O verdadeiro bem é aquilo que é desejado por si mesmo e não por causa de nenhum outro bem” (ADAMI, 2010:92). A diferença entre as escolas, portanto, recai sobre aquilo ao qual elas atribuem tal definição: para os estoicos, a honestidade, a qual deriva da virtude; para Epicuro, o prazer. Na concepção deste último, só o prazer é desejável por si mesmo, ao passo que a honestidade é desejável apenas na medida em que seus efeitos são agradáveis ao homem. Ela é um bem que embora possa ser chamado de útil, não pode ser confundido com o máximo bem. Para Valla, autor do diálogo, o que interessa apontar nesse capítulo é o quanto desta diferença de pensamento derivam diferentes condutas, concluindo que é o pensamento estoico o mais prejudicial, e não o epicurismo, como parecia à primeira vista.

A fim de ilustrar como um estoico lida com as desgraças humanas, Antonio Beccadelli apela para que pensemos em alguém que tenha passado por sério agravo. Ele se pergunta que consolação poderia ser-lhe oferecida, ou a nós mesmos: “Alguém perdeu sua fortuna, poder, entes queridos ou coisas do gênero? Eis que surge o estóico, antes de todos, com o seu semblante hipócrita, para oferecer esta consolação aos aflitos” – simulando um estoico, ele continua:

*Os desastres comuns à humanidade devem ser suportados. A fortuna doa os seus bens na condição de poder tomá-los de volta como se fossem um empréstimo. Coisas assim aconteceram com muitos homens e estes as suportaram sem desespero. É inútil chorar. Aquela coragem amplamente reverenciada precisa ser abraçada de coração aberto. (ADAMI, 2010:133)*

O bravo homem estoico não se deixa abater pelas adversidades próprias à cruel e inadvertida mãe natureza. Deixar-se afligir por seus caprichos é dissabor para os fracos. A tranquilidade de alma ou a *ataraxia* (como chamada pelos estoicos) é a condição que alcança aquele que tem neste preceituário seu guia. A ordem estoica dispõe que busquemos consolo nas virtudes, pois que nada abala àquele cujo coração tem repouso na virtude.

No exemplo supracitado, a virtude mencionada é a “coragem”. É ela a virtude que provém o estoico de invencibilidade para “suportar” a dor; como quando ele diz: “os desastres comuns à humanidade devem ser suportados”, e, “coisas assim aconteceram com muitos homens e estes as suportaram sem desespero”. Por outras palavras, a dor deve ser *suportada bravamente* (com “coragem”), se quisermos unir, numa só sentença, os dois preceituários.

“Chorar”, ele continua, “é inútil”. Pois que o choro aí ilustra o oposto da capacidade de suportar; ele é, assim, marca da fragilidade – é preciso suportar “sem desespero”, ele diz. A tal razão, no entanto, o epicurista não objeta, pois, uma vez que se perdeu, o que se perdeu não se recupera, e o que nos resta, afinal, em relação à dor senão suportá-la? Mas não é exatamente apenas isso o que pretende o estoico em tal consolação. O poeta quer nos chamar a atenção para o fato de que o que está sugerido no discurso estoico é que suportemos com *bravura*. O “choro” é sinal de falta de bravura, como também o são a angústia e os lamentos. Dizer que o “choro é inútil” apenas porque não se recupera o que se perdeu é banal, e não é, como aponta o poeta, a intenção do estoico. Àquele que tem seu corpo e mente alinhados com esta filosofia, ela promete a eterna tranquilidade para que o homem possa, sem anseios, dedicar-se às tarefas mais úteis e nobres à humanidade. É preciso “abraçar as virtudes de coração aberto”. Com o coração forte e tranquilo, a mente trabalha sossegada na depuração das mais imbricadas dificuldades, buscando soluções para alcançar a paz e a tranquilidade para toda a comunidade, incluindo-se até mesmo os mais fracos, aqueles que se deixam abater pelas adversidades, que se desesperam diante das aterradoras surpresas da fortuna e que corresponde à grande maioria da humanidade.

A fortuna, como disse o estoico, traz benefícios, mas a tempo, os carrega de volta, como se fossem empréstimos. O homem médio que deseje alcançar seus objetivos é consciencioso a não confiar em seus presentes efêmeros e deletérios. Um estóico é antes de tudo um homem de ação, que conduz seus negócios seriamente com “coração valente” (que ama a virtude), de modo que nada o desvie de suas atribuições as quais ele alcança por meio

de sua racionalidade, e apenas. Inútil é rogar aos céus; inútil é esmorecer perante as adversidades; como inútil é confiar na fortuna. Sua obra, enfim, é fruto da ação bem conduzida, com disciplina e concentração. E ela será dita “boa” se executada segundo os ditames da virtude e do bem, para contentamento dos deuses e bem-estar dos homens.

Resumindo: com o “coração valente”, a mente tranquila opera com lucidez e chega a bom termo apostando, não na sorte, mas apenas em si mesma.

Antes de passar à refutação do epicurista Antonio Beccadelli a essa exposição, gostaria de lembrar apenas uma decorrência a mais da disciplina estoica: o controle das paixões. Pois, assim dizia Galeno: “And once the cause of the passion was discerned it taught us how the corruption of our sense of what is to be chosen and what is to be avoided gets started” (INWOOD, 2008:167). A origem de todo o mal está em nosso apreço pelos vícios, aos quais somos movidos pelas paixões. A educação do homem estoico começa, portanto, pelo treinamento daquela parte irracional da alma de onde brotam as paixões. Uma empresa não pode ser bem conduzida por um “coração fraco”, que deixa, por assim dizer, penetrar no corpo e na mente assombros e confusão. Entretanto, assim ele afirma, existem alguns “poucos” que estão em condições de resisti-los. É interesse dos estoicos distinguir, entre nós, quem são estes “poucos”, e treiná-los, para que por meio de sua doutrina, alcancem a perfeição para qual a natureza os concebeu: esta é a concepção estoica de felicidade. Assim encontramos em Sêneca: “We say that those things which are in accordance with nature are happy” (INWOOD, 2008:193).

Daqui se apreende um aspecto do porquê o estoicismo se alia muito bem à academia militar onde se espera que o soldado, por meio de disciplina, esteja apto não só a suportar a dor extrema e o perigo, mas a tomar decisões em momentos de combate (como discutido no trabalho de Nancy Sherman, *The Stoic Warriors*). O mesmo pode ser esperado de homens de ofício público, líderes a quem cabe a manutenção da saúde da República e a decisão sobre a fortuna de milhares de homens e mulheres.

Tudo isso, entretanto, segundo o epicurista Antonio Beccadelli no diálogo, traz oculto, sob a nobre intenção de nos liberar da dor, um mal ainda pior, o de nos privar do prazer. Assim rebate o poeta:

*A doutrina da virtude adverte-nos para não nos aborrecermos, mas também para não nos divertirmos. O que ela nos impõe, então, senão que sejamos feitos de mármore? Justamente podemos dizer que as regras*

*estoicas são como a cabeça da medusa, a qual transforma em mármore todos que a miram.* (ADAMI, 2010:134).

Os estoicos, no seu afã de eliminar a dor, eliminam juntamente a possibilidade de obter prazer, afinidades que possuem ambas, segundo Epicuro, origem no mesmo lugar, e, portanto, impossível eliminar uma sem subtrair a outra. O resultado do treinamento estoico do coração, para Valla, é este: um ser humano feito de pedra. “Oh eterna e estúpida doutrina estoica!”, continua o poeta, “Não vê que do mesmo modo que nos é vedado não-dormir e não-acordar, também nos é vedado não sentir mágoa ou alegria? Querendo nos libertar de toda angústia, esta doutrina segue uma direção correta, mesmo que isso seja impossível” (ADAMI, 2010:134). O desejo de libertar a humanidade da dor é nobre intenção, reconhece o epicurista, embora seja tarefa vã. A dor diante das adversidades é natural, conclui o epicurista; inútil é querer extingui-la. O preparo estoico do coração para suportar a dor, sem choro ou lamentos, oculta um erro grave: a de não nos ser permitido sofrer. Chama de “fraco” a um coração que sente as aflições do mundo como devem ser sentidas.

Dor e prazer são afinidades naturais com origem nos sentidos. Os sentidos são receptáculos dos prazeres a nós ofertados pela natureza; eles nos alertam para aquilo que deve ser perseguido (o prazer) e o que deve ser evitado (a dor). Quando chamamos a uma visão de “bela”, assim o fazemos porque causa prazer aos olhos, do mesmo modo que chamamos “horrorosa” uma imagem que procuramos evitar. “Por que a beleza deveria ser reprovada”, pergunta-se o poeta, “se sentimos profundamente em nossos sentidos a tendência para amá-la? (...). Se a saúde do corpo, a força, a resistência e a vitalidade não devem ser reprovadas, por que deveria ser a beleza?” (ADAMI, 2010:96).

Mas, então, que consolação um epicurista poderia oferecer como conforto aos aflitos? Assim responde Antonio Beccadelli:

*Eu dar-lhes-ia um conselho parecido ao dos estoicos, mas não lhes dizendo que é sinal de fraqueza de espírito ser abatido pelas adversidades (o que é só uma questão de palavras!), e sim para que não se atormentassem aumentando a sua dor, o que seria prejudicial também ao seu corpo; e também para que não agissem de modo a causar sofrimento aos amigos e alegria aos inimigos; e que não acabassem por atribuir um vício ao seu excessivo e inútil sofrimento. E, então, incitar-lhes-ia a direcionar seu ânimo a coisas das quais pudessem obter algum prazer* (ADAMI, 2010:134).

A primeira diferença a ser notada em relação ao consolo estoico é a negação de que a dor seja um mal em si (“um sinal de fraqueza de espírito”). Se ela é para ser evitada, isto se

deve ao efeito nocivo que provoca sobre a alma e o corpo. A alma “atormentada”, sob o efeito de uma dor forte, é suscetível a atos extremos e impensados. O indivíduo é capaz de ferir a si próprio e a entes queridos, agravando ainda mais sua situação. Pode levá-lo ao isolamento, à loucura e até a morte. Nessas condições, a dor excede os limites do aceitável, causando um mal ainda maior do que aquele que a iniciou; podendo ser, nesse caso, segundo o poeta, dita “inútil” e chamada um “vício”.

Apenas a dor pode ser chamada um vício, nunca o prazer. Este, por ser-lhe a sensação diametralmente oposta, é o antídoto capaz de neutralizar o efeito danoso daquela sobre o corpo e a alma. Segundo o poeta epicurista, a cada coisa existe apenas um contrário; e, se não se pode extinguir completamente a dor, é possível, por meio de seu contrário, o prazer, moderá-la. Esta observação é decorrência da noção de Epicuro, reafirmada pelo poeta, de ser vetado ocorrer “que causas contrárias produzam um único fim e efeito; como por exemplo, a saúde e a doença, a unidade e a seca, o leve e o pesado, o claro e o escuro, a paz e a guerra” (ADAMI, 2010:91). Efeitos contrários têm necessariamente causas contrárias. Esta noção é fundamental à ética epicurista e a difere radicalmente da posição aristotélica que via a virtude em algum lugar como num ponto-médio.

As afecções da alma, portanto, encontram a salvação em seus contrários. “Pois”, diz Beccadelli, “assim como os cuidados médicos não surtem efeito em corpos doentes se curas apropriadas não lhes forem aplicadas, da mesma forma nenhuma consolação poderá alcançar uma mente angustiada se não lhe for doado prazer” (ADAMI, 2010:134). O prazer é, por assim dizer, um remédio garantido pela natureza contra nossos males. “A natureza ofereceu”, ele afirma, “inumeráveis bens aos mortais, cabe a nós sabermos como apreciá-los apropriadamente” (ADAMI, 2010:88). Não há proibições precedentes, condenação ou pecado. O homem é um receptáculo de emoções, monitorando a vida conforme as experiências que retém na memória:

*Digo que a única tarefa designada pela Natureza aos seres vivos é a de conservarem suas vidas e seus corpos e evitarem o que lhes parecer perigoso. E o que melhor preserva a vida do que o prazer? O mesmo é válido para os cinco sentidos, sem os quais não poderíamos viver. Se alguém tratar de maneira dura e incorreta qualquer um deles estará agindo contra a Natureza e seu próprio benefício (ADAMI, 2010:113).*

A maneira “dura” é a maneira estoica, que lida com as paixões como afecções e os sentidos como corruptores. Não enxerga que a natureza criou prazeres variados e em abundância, sejam eles do corpo ou externos a ele, unicamente para satisfação dos nossos sentidos; e os proveu de modo tão variado, que sempre podemos achar o que seja mais belo. Não delimitou um *telos*, mas nos dotou da capacidade de se apaixonar para aumentar nosso prazer na apreciação da beleza e ter a sensação de ter ali encontrado o seu fim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMI, Ana Letícia. **O *De voluptate* de Lorenzo Valla: tradução e notas**, 2010. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GREENBLATT, Stephen. **A Virada: o nascimento do mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KRISTELLER, Paul Oskar. **Il pensiero e le arti nel rinascimento**, Roma: Donzelli, 1998.

SHERMAN, Nancy. **The Stoic Warriors. The Ancient Philosophy Behind the Military Mind**. New York: Oxford University Press, 2005.

**The Stoics Reader: Selected Writings and Testimonia**. Translated, with Introduction, by Brad Inwood and Lloyd P. Gerson. Indianapolis, Cambridge: Hackett Publishing Company, 2008.